



GESTOS DE INTERPRETAÇÃO EM ATIVIDADE DE LEITURA DA LETRA DA MÚSICA “MULHERES DE ATENAS”¹

Roksyvan de Paiva Silva – rsilva59@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Mamanguape, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6581-7773>

Marluce Pereira da Silva – marlucepereira@uol.com.br

Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2300-4659>

Laurênia Souto Sales – laureniasouto@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Mamanguape, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7462-9755>

RESUMO: Este artigo é o relato de uma atividade de leitura que aborda a identidade da mulher. Nosso objetivo é analisar as discursividades que compõem respostas de alunos e que produzem sentidos acerca da condição da mulher retratada na letra da música “Mulheres de Atenas” de Buarque e Boal (1976). Ao trazer questões sociais para o contexto de sala de aula, levamos em conta a importância crescente das lutas por direitos de grupos minoritários, dentre os quais se destacam os debates sobre a identidade da mulher. Utilizamos os conceitos da Análise de Discurso de linha francesa, como formação discursiva, efeitos de sentido, interdiscurso e sujeito, baseados em autores como Althusser (1970), Authier-Revuz (2004), Brandão (2004), Pêcheux (1978) e Orlandi (2009), entre outros. A geração dos dados foi feita por meio de um questionário aplicado a uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental regular, com auxílio da ferramenta Google Forms e do aplicativo de aparelhos celulares WhatsApp, entre junho e julho de 2019. Gestos de leitura da composição musical apontaram para a constituição discursiva de diversos sujeitos, evidenciando sempre a presença de um outro, num interdiscurso que implica um lugar social e uma constituição identitária transitória, afirmando ora a adolescência, ora a condição adulta, ora o estudante, ora o trabalhador que concorre por trabalho no mercado. Nas palavras dos respondentes ao questionário, identificamos a percepção de violências contra a mulher, da subordinação aos maridos à ausência de reconhecimento por seu trabalho, desumanização e objetificação.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas discursivas; letra de música; “Mulheres de Atenas”.

1 INTRODUÇÃO

Fixada em leis, projetos de pesquisa, planos de curso e outros documentos da esfera educacional, a busca pela formação de cidadãos conscientes e ativos é própria da escola. Marcada originalmente por ideais iluministas, a atividade cidadã consiste, dentre outras questões, em promover os direitos humanos, conscientizar-se das relações entre homem e natureza, praticar hábitos de consumo responsável, exercitar o pensamento crítico e posicionar-se de modo adequado em meio a um turbilhão de pontos de vista e ideologias.

Integrando esse rol de atividades, aparecem ainda as chamadas lutas identitárias conduzidas por grupos minoritários. Visando a reparações históricas do direito de parcelas institucionalmente sub-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

representadas, como as mulheres, estas pautas específicas têm ganhado peso crescente nas manifestações de rua, nos debates midiáticos e, de modo geral, na politicidade de nossa época.

Tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como na recente Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (BRASIL, 1998; 2018), esses aspectos ativos que formam o cidadão aparecem como competências a serem desenvolvidas. No específico campo de ensino das linguagens, a formação do cidadão implica oferecer condições para uma leitura crítica do mundo e intervenção nos debates em que se engaja a sociedade. Nessa direção, ao trazer questões sociais para o contexto de sala de aula, não poderíamos deixar de inserir a discussão em torno da identidade da mulher na sociedade.

Para efetivar essa programação, utilizamos uma atividade de leitura cujo ponto de partida para reflexão e expressão dos alunos foi a fruição de uma obra artística, a música “Mulheres de Atenas” (BUARQUE; BOAL, 1976). A leitura se derivou dos gestos de interpretação de alunos de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, de quem falaremos mais na próxima seção. A eles, dirigimos 13 perguntas em formato de questionário criado com a ferramenta Google Forms e aplicado por via remota (no aplicativo WhatsApp). Ocupando-nos das respostas ofertadas por estes sujeitos, formulamos como questão de pesquisa: Que discursividades produzem sentidos acerca da condição da mulher retratada na composição musical? Com base nesse questionamento, objetiva-se analisar discursividades que compõem as respostas dos alunos e que produzem sentidos acerca da condição da mulher retratada na letra da música “Mulheres de Atenas”.

O artigo se subdivide, inicialmente, em uma seção em que explicitamos alguns aspectos da mediação docente, o encaminhamento que levou ao questionário e os procedimentos metodológicos que envolvem a atividade de leitura desenvolvida junto aos alunos. Na seção seguinte, apresentamos os conceitos mobilizados e os autores em quem nos apoiamos, como Althusser (1970), Authier-Revuz (2004), Brandão (2004), Pêcheux (1978), Orlandi (2009) e Hall (2006). Por fim, a análise se debruça sobre as respostas dos alunos às questões que lhes foram dirigidas, buscando apreender o modo como se constitui no entrecruzamento dos discursos a identidade das mulheres.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A análise se baseia nas respostas dadas por alunos a questões relativas à letra da música “Mulheres de Atenas”, composta por Chico Buarque e Augusto Boal durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) e lançada no álbum *Meus caros amigos*, de 1976. O questionário foi aplicado a uma turma de 7º ano regular do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa – PB, que funcionava no turno vespertino do ano letivo de 2019. A escola localiza-se em um bairro da periferia urbana, habitado

majoritariamente por trabalhadores braçais e pequenos comerciantes. A turma era composta de 35 alunos, sendo 19 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, com idades que variavam dos 12 aos 15 anos.

Desde o início do ano havia sido criado, por meio do aplicativo WhatsApp para aparelhos celulares, um grupo do qual participavam alunos da turma e alguns professores. Contudo, devido à condição socioeconômica desfavorável dos alunos – nem todos possuíam aparelhos celulares –, apenas 20 participavam do grupo de WhatsApp. Uma peculiaridade da escola nessa época é que, algumas vezes, as aulas eram suspensas, entre outras coisas, por falta d’água ou excesso de chuva. Como a escola se localiza nas proximidades do rio Cuiá, que atravessa a zona sul da cidade, as cheias costumavam interromper o trânsito entre os bairros, prejudicando as aulas. Desse modo, a finalidade do grupo era transmitir informações relativas ao cotidiano da escola e eventuais suspensão de aulas. Decidimos então explorar o aplicativo para realizar também algumas atividades pedagógicas, dentre as quais uma atividade de leitura com a letra da composição musical. O questionário sobre a letra da música foi criado com auxílio da ferramenta Google Forms e o *link* para acesso foi postado no referido grupo. Entre junho e julho de 2019, foram colhidas as respostas.

O modo como os alunos foram aproximados à letra da música e seu autor foi gradual. Antes, no mês de maio, tínhamos aproveitado a ocasião do anúncio do Prêmio Camões para ler notícias e ouvir outras músicas do autor, agraciado com aquela distinção. Portanto, os alunos já conheciam a obra e a pessoa de Chico Buarque, bem como a temática². Além disso, debates relativos à condição da mulher são típicos do currículo escolar. Como em muitas outras escolas do país, na aula de língua portuguesa o material didático mais utilizado vinha sendo³ o livro *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2015), cujas atividades propostas favoreciam esta abordagem. Nessas ocasiões, observamos alunos e alunas da turma tomar a palavra e questionar os padrões sociais.

Ao desenvolver este trabalho com os alunos, optamos por não atribuir nota: a atividade era voluntária e o resultado foi que, dos vinte participantes do grupo de WhatsApp, apenas cinco responderam ao questionário. Entre os cinco respondentes, dois eram do sexo masculino: um aluno de catorze anos, que chamaremos de Marcos; e um de doze anos, que chamaremos de João. As demais respondentes são três alunas: duas de treze anos, as quais serão nomeadas de Ester e Joana; e uma de catorze anos, que chamaremos de Judite.

² O contexto histórico da Grécia antiga é mais ou menos conhecido pelos alunos desta etapa do ensino fundamental, não só porque é abordado sobretudo na disciplina de História, mas também porque a arte e as figuras que remetem à mitologia grega são bastante apreciadas por eles.

³ Em 2019, a obra foi subtraída do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD, deixando pela primeira vez de figurar na lista oferecida aos professores das escolas públicas responsáveis pelas adoções de livros didáticos de língua portuguesa.

O questionário era composto por 13 perguntas. Para respondê-las, era necessário fazer a leitura e interpretação da letra da música acompanhada de outros textos, que evidenciavam suas condições de produção. Segue a transcrição da letra tal qual foi apresentada, na época, à censura:

MULHERES DE ATENAS

De: Augusto Boal - Francisco Buarque de Hollanda

Grav.: Chico Buarque

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas, não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas,
Cadenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos, poder e força de Atenas
Quando eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam, sedentos
Querem arrancar violentos
Carícias plenas,
Obscenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos, bravos guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas
Helenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm presságios
O seu homem, mares, naufrágios,
Lindas sirenas
Morenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas

Serenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas
(BUARQUE; BOAL, 1976)

Os participantes, à medida que respondiam às perguntas, eram convidados a ouvir a música “Mulheres de Atenas”; ler a letra da música; considerar o contexto de produção lendo documentos da censura contendo avaliações relativas à letra da música; fazer comparações entre as ideias veiculadas na letra dos anos 1970 e o contexto atual; e apreender efeitos de sentido da música.

Esperávamos que os leitores se expressassem o mais livremente possível. No entanto, o modo como as perguntas são formuladas nem sempre contribui para esse fim, além de que a análise de todo o questionário extrapolaria os limites deste texto. Por essas duas razões, das 13 questões aplicadas, selecionamos para análise somente as seguintes:

- Segundo a letra, como vivem as mulheres de Atenas?
- Segundo a canção, os homens/maridos são o “Orgulho e raça de Atenas”. Por quê? Levante uma hipótese (uma possibilidade) com base na letra.
- Nas músicas que você escuta hoje em dia, como as mulheres são retratadas? Cite exemplos.
- Segundo a Constituição Federal do Brasil, Art. 5º, inciso I, “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. Em sua opinião, essa igualdade realmente existe hoje no Brasil?
- Mirar-se significa ‘ver a própria imagem refletida (num espelho, numa poça d’água etc.)’. Um dos versos manda: “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”. Como você interpreta esse verso? Qual a intenção do autor ao pedir isso?

O critério de seleção dessas questões relaciona-se ao objetivo da pesquisa: todas elas são questões abertas, que favorecem a emergência do posicionamento discursivo dos alunos. Desse modo, descartamos as questões de múltipla escolha. Posteriormente, reconhecemos na formulação das perguntas selecionadas incongruências mesmo em relação ao âmbito teórico da Análise de Discurso (por exemplo, ao indagar sobre “intenções do autor”). O caráter *post festum* dessa constatação não permite refazer o questionário, muito menos manipulá-lo retrospectivamente; porém, na medida em que proporciona uma reflexão útil a novos percursos de pesquisa, parece-nos que não fica invalidado o experimento como um todo.

3 O JÁ-DITO EM TEORIA

Este artigo foi desenvolvido a partir da perspectiva discursiva da linguagem, de modo mais específico consoante aos dispositivos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), como os conceitos de discurso, formação discursiva, ideologia, efeitos de sentido, memória discursiva, interdiscurso e sujeito.

Inicialmente, recorremos a Orlandi (2009), que define a análise de discurso como “uma nova prática de leitura”. Sem negar a pertinência dos estudos da oralidade ou das tradicionais categorias gramaticais, aqui a preocupação é com a lógica da linguagem em um nível de *particularidade*, além da *parole* individual e distinta da *langue* em estado puro, tal como se expressa este autor:

Em outras palavras, parece indispensável questionar a identidade implicitamente estabelecida por Saussure entre o universal e o extra-individual, mostrando a possibilidade de definir um nível intermediário entre a singularidade individual e a universalidade, a saber, o nível da particularidade que define “contratos” linguísticos específicos desta ou daquela região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos definidas localmente e inegavelmente aptas a se estenderem umas às outras [...] (PÊCHEUX, 1978, p. 36, tradução nossa).

É neste nível intermediário que encontramos o discurso, suas circunstâncias ou condições de produção, seu processo, contexto, situação. “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2009, p.15). Ao observar o homem falando, vemos a língua produzindo sentidos. O modo como esses efeitos de sentido são produzidos é o centro de interesse da investigação.

Nessa produção de sentidos, que se materializam no discurso, sujeitos se constituem de modo ambíguo por meio da ideologia. A esse respeito, lembramos a contribuição althusseriana em um ensaio que aproxima os conceitos de ideologia e inconsciente, respectivamente extraídos do marxismo e da psicanálise:

Sugerimos então que a ideologia «age» ou «funciona» de tal forma que «recruta» sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou «transforma» os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a interpelação, que podemos representar-nos com base no tipo da mais banal interpelação policial (ou não) de todos os dias: «Eh! você» (ALTHUSSER, 1970, p. 99).

Sem dúvida, a polícia é o braço repressivo do Estado, o qual, agindo favoravelmente à classe dominante, é o instrumento de sua dominação. No entanto, além da força, a dominação de classe se dá também pelo discurso que se produz em diversos aparelhos ideológicos, públicos ou privados, que se estendem desde a esfera político-jurídica até família e escola, sujeitando o indivíduo desde a infância a uma teia de interpelações onipresente o tempo todo: “Eh! você.” Ao interpelar o indivíduo, a ideologia o transforma e o constitui de modo ambíguo, na medida em que este, de um lado, é assujeitado e subordinado ao sistema de representações; de outro, age livremente, autor e responsável por seus atos, “para que aceite (livremente) a sua sujeição, portanto, para que «realize sozinho» os gestos e os atos da sua sujeição” (ALTHUSSER, 1970, p. 113).

Para a linguagem fazer sentido, para haver discurso, é necessária a constituição de sujeitos por meio de “um tecido de evidências subjetivas” (ORLANDI, 2009, p.46), cuja trama é dada pela ideologia. Trazido para o campo dos estudos discursivos, o conceito de ideologia pode ser analisado em seu funcionamento nas formações discursivas. Expressando a determinação da ideologia sobre o discurso, diz Brandão (2004, p.47): “[...] a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas.” Constituída de ideologia, uma formação discursiva é o modo como o discurso emerge de um dado lugar social, de uma dada institucionalidade que, com suas restrições e formas de controle, determina e delimita o dizer.

É nessas condições que se produzem efeitos de sentido. Interpelado pela ideologia, o indivíduo se assume como produtor de sentidos. Porém, a produção discursiva implica condições alheias ao sujeito: no limite, um outro sujeito. Nesse caso, a produção de sentido daí decorrente estará indissolúvelmente articulada a muitas possibilidades de arranjo das diversas condições de produção, resultando em inumeráveis possibilidades de sentido. O dizer é produzido pelos indivíduos, mas carregando sentidos que antecedem e transcendem estes “sujeitos”.

Assim entendido, o discurso é a atividade constituinte dos sujeitos em dadas condições de produção, de tal modo que não é o sujeito autonomamente quem produz o discurso, mas, antes, um discurso que, originalmente exterior ao indivíduo, internaliza-se e constitui o sujeito. Essa exterioridade do discurso reaparece na ideia de memória discursiva, um já-dito que não é do indivíduo, mas do discurso. “Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história” (BRANDÃO, 2004, p. 96). Tenha ou não o falante consciência disso, há em seu discurso uma memória intrínseca que evoca lembranças, faz remissões e constrói posições em relação a um já-dito. Como explica Orlandi (2009, p.32) com muita clareza: “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. [...] O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras.” Ao falar da memória discursiva, estamos tratando de relações de significado imanentes e frequentemente inconscientes, próprias do discurso, que se configuram como um interdiscurso.

O interdiscurso é a interseção dos discursos. Se um discurso se refere a outro, sua identidade só pode ser desidêntica: só pode ser encontrada quando junto a uma outra. Em vez de homogêneo, coerente, autossuficiente, o discurso é heterogêneo e permeado de contradições. Em lugar de bloco compacto hermeticamente fechado, está aberto a outros discursos, e é esta relação que tomamos como objeto de análise. Esta relação interdiscursiva, marcada por inconsistência e instabilidade, é, no dizer sintético de Brandão (2004, p. 91), “o outro no mesmo”.

Nesta nova concepção, construída a partir do século XX, prevalece a noção de um sujeito não homogêneo, mas plural e descentrado. “As noções de sujeito e de linguagem que estão na base das Ciências Humanas e Sociais no século XIX já não têm atualidade após a contribuição da Linguística e da Psicanálise”, declara Orlandi (2009, p. 20). Agora, o sujeito não é uno, mas disperso; não é causa, nem fonte do significado, mas veículo. Pensando a emergência desses novos sujeitos, Stuart Hall (2006) contribuiu para a abordagem das questões do negro, da mulher, dos LGBTQIA+, do imigrante – não apenas no interior de uma cultura, de uma nação, mas também na relação entre culturas e nações. Aqui as identidades são não apenas fragmentadas, como também deslocadas, flutuantes: o imigrante dividido entre a terra natal e a segunda casa é quem as encarna vivamente, mas a fragmentação atravessa a todos os sujeitos. Todos se constituem cindidos, descontínuos, deslizando de uma para outra posição conforme as condições em que se dão as práticas sociais.

Esse contexto teórico subsidia a análise das práticas discursivas cujos sentidos perpassam as respostas dos alunos. Conceitos como discurso e formação discursiva, ideologia, efeitos de sentido, memória discursiva e interdiscurso compõem o alicerce da análise que faremos a seguir. Entretanto, é no momento da análise que se faz necessário mobilizar os conceitos e categorias exigidos pelo objeto. Orlandi (2009, p. 27) novamente esclarece: “Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões.”

A seguir, passamos à análise das respostas dos alunos ao questionário.

4 PANORAMA DAS RESPOSTAS E ANÁLISE DAS DISCURSIVIDADES

De acordo com Orlandi (2009), ao iniciarmos uma análise, observamos, nas discursividades, uma totalidade à maneira de um bloco unitário. Por meio de paráfrases e a utilização de sinônimos, extraímos um conjunto de regularidades discursivas. O aprofundamento da análise nos leva a abordagens mais individualizadas, que buscam evidenciar o funcionamento dos mecanismos discursivos e os efeitos de sentido produzidos. Para isso, a seguir, serão expostas e analisadas as respostas dos alunos a cada questão. Entretanto, ao responder o questionário, era permitido ao aluno deixar questões “em branco”, sem resposta, razão por que os quadros a seguir nem sempre aparecerão completos, com respostas de todos os participantes.

4.1 COMO VIVIAM AS MULHERES

A primeira das questões – “Segundo a letra, como vivem as mulheres de Atenas?” – visava a que o aluno extraísse informações explícitas do texto.

Abaixo, o Quadro 1 traz as respostas de cada aluno:

Quadro 1 – Respostas à primeira questão

Joana	<i>Vivem para agradar seus maridos</i>
Ester	<i>Pelo o que eu entendi, elas vivem dando o melhor de si para no final serem "invisíveis" na sociedade</i>
Judite	<i>Orgulho e raça</i>
Marcos	<i>Sem Liberdade ou escolbas, presas aos seus maridos, como objetos.</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Notemos que, ao responder essa questão, Joana recupera um verso da música, levemente modificado, ao afirmar que as atenienses “Vivem para agradar seus maridos”. A modificação consiste em que, na resposta da aluna, acrescenta-se a palavra “agradar”. Esse modo de dizer não é previsível nem obrigatório, pois o que é dito desse modo poderia também ser dito de vários outros modos. É no cotejo do “dito em relação ao não dito” (ORLANDI, 2009, p.59) que observamos um novo efeito de sentido e um gesto de interpretação da letra da música. Indo além do “viver pros seus maridos”, no viver “para agradar a seus maridos” cria-se um efeito de sentido intensificador da ideia de subordinação aos homens, a um tal ponto que, em vez de vida, aproxima-se de um “mortificar-se para não desagradar aos opressores”.

A resposta de Joana converge com a de Ester: “Pelo o que eu entendi, elas vivem dando o melhor de si para no final serem ‘invisíveis’ na sociedade”. Contudo, além de efeitos de sentidos que traduzem uma posição de desvantagem das mulheres na sociedade, Ester acrescenta uma avaliação, pois há, no uso do item lexical *invisíveis*, reforçado pelas aspas, uma produção discursiva reveladora de um sentimento de injustiça. Nesse aspecto, na fala de Ester demarca-se um interdiscurso vinculado à formação discursiva da esfera da cidadania, na qual se afirmam direitos, deveres, igualdade para todos.

Ao recorrer, em sua resposta, a uma estratégia discursiva de modalização com “Pelo que eu entendi”, também se marcou o lugar de uma subjetividade que fala e restringe para si o entendimento. Não há sentido nem sujeito produzido *a priori*, conforme argumenta Brandão (2004, p. 76): “O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro”. Assim, Ester se posiciona discursivamente em um lugar de exclusividade e afastamento, como quem diz “Isto que digo pode não valer para o professor ou para outras pessoas”. Também pode-se entender sua posição autoposta em patamar inferior tanto como estratégia para obter complacência do professor como, ao mesmo tempo, expressão e manifestação do lugar do aluno. Por isso, vale retomar brevemente o texto althusseriano, no qual justamente a escola aparece na condição de aparelho ideológico principal: de um lado, é o instrumento que produz os acordes dominantes do concerto ideológico que reproduz as relações de exploração capitalista; de outro lado, atua de modo silencioso, inculcando “durante anos, os anos em que a criança está mais ‘vulnerável’ ,

entalada entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado Escola, «saberes práticos» (des «savoir faire») envolvidos na ideologia dominante” (ALTHUSSER, 1970, p. 64).

Ainda, o uso dos pronomes se estabelece como índice revelador da subjetividade: isto se mostra tanto no “eu” que modaliza o entendimento da questão dando-lhe uma feição relativa, como também no pronome “elas” e nos verbos em terceira pessoa que Ester e Joana usam para distanciar-se do mundo das mulheres adultas. Também vemos a constituição do sujeito pela linguagem na medida em que Joana afirma este “eu” assumindo “a ilusão de um centro” (BRANDÃO, 2004, p. 68).

Em sua resposta sintética – “Orgulho e raça” –, Judite se posiciona discursivamente diante de práticas de linguagem cujos sentidos indiciam a situação vivenciada pelas mulheres num dado contexto: o orgulho e a raça de Atenas, os homens. O modo como o fez – limitando-se a copiar uma informação explícita – novamente põe em evidência o lugar do aluno na escola. De um lado, cumpriu exatamente aquilo que, consciente ou inconscientemente, havia sido proposto pelo professor com a questão: “Segundo a letra, como vivem as mulheres de Atenas?”, questão cuja abertura e amplitude foi negada pela imposição de obediência ao texto, isto é, “Segundo a letra” e não segundo o que qualquer um possa pensar ou sentir pela fruição. De outro lado, sua resposta é a que revela o cotidiano da escola enquanto instituição reprodutora da ideologia dominante, tanto em conteúdo como em forma, isto é, como “saberes práticos” (ALTHUSSER, 1970) da dominação que leva à cópia, a “tirar do quadro” ou da lousa o que lá foi posto, a reter nos cadernos e mentes uma racionalidade padronizada e estéril.

Lançando mão de gestos de interpretação ante a letra da música que lhe permite apreender efeitos de sentidos de como vivem as mulheres atenienses, Marcos respondeu: “Sem Liberdade ou escolhas, presas aos seus maridos, como objetos”, reconhecendo um patamar de naturalização da opressão às mulheres, destituídas de humanidade.

Essa quinta questão mobilizava a habilidade de leitura de uma informação explícita na letra da música: o modo como viviam as mulheres de Atenas. As respostas enfatizaram sentidos acerca da falta de liberdade derivada do casamento, a desumanização das mulheres que se mortificam para não desagradar aos opressores com quem se casaram, vivendo à sombra deles e, assimetricamente, contribuindo para a vida da cidade sem serem reconhecidas por isso.

4.2 ORGULHO E RAÇA

A segunda questão – “Segundo a canção, os homens/maridos são o ‘Orgulho e raça de Atenas’. Por quê? Levante uma hipótese (uma possibilidade) com base na letra.” – foi assim formulada visando a que os alunos refletissem sobre a dominação masculina.

Abaixo, o Quadro 2 traz as respostas dos discentes.

Quadro 2 – Respostas à segunda questão

Ester	<i>Pois eles que "comandavam" Atenas.</i>
Judite	<i>Por que e os bravos guerreiros de Atenas</i>
Marcos	<i>Por serem a potência. São mais fortes em força física ou política.</i>
João	<i>Pq eles eram as únicas pessoas q defendiam a cidade</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Ester, explicando a exclusividade das honrarias masculinas, justificou: “Pois eles que ‘comandavam’ Atenas.” Outra vez usam-se aspas, embora com outra função – reforçar pelo destaque na palavra a relevância social da função ocupada pelos homens. Nas palavras de Ester, observamos mecanismos discursivos que assumem um lugar de distanciamento propiciado pelas aspas usadas para expressar tanto a compreensão das mulheres como “invisíveis”, na primeira questão, como dos homens que “comandam”, na segunda questão. Esse distanciamento traduzido em aspas tem como efeito uma “suspensão da responsabilidade”, a qual, como diz Authier-Revuz (1998, p. 143), “determina uma espécie de vazio a preencher, através de uma interpretação, um ‘apelo de glosa’, se assim se pode dizer, glosa que, às vezes, se explicita, permanecendo mais frequentemente implícita”.

Embora a aluna não tenha explicitado em forma de comentário o sentido das aspas, podemos sentir a tensão do encontro de seu discurso com algo que parece não lhe agradar, ao mesmo tempo que manifesta sua compreensão de que aquilo já foi dito, mas não lhe pertence ou não quer que lhe pertença. Recorrendo novamente à autora supracitada, temos que essas aspas são indicativas da constituição de um sujeito que emerge “nas bordas” do discurso, num encontro em que a presença daquele sinal é “*reveladora e indispensável*”: acompanhar o mapeamento das palavras aspeadas de um discurso é acompanhar a zona fronteira reveladora *daquilo* em relação ao que é essencial, para ele, se distanciar: ‘Diz-me o que tu aspeias...’” (AUTHIER, 2016, p. 216, itálicos da autora). Assim, diante da guerra, sabemos quem Ester é.

É evidente o contraste com as respostas dos demais colegas. Judite, Marcos e João aderem à formação discursiva que expressa o domínio dos homens naquela sociedade, justificado por sua atividade bélica. Judite reitera o tradicional lugar do aluno em sua resposta – “Por que [é] os bravos guerreiros de Atenas” –, limitando-se a copiar um dos versos da letra que retrata a guerra. Nas palavras de Marcos – “Por serem a potência. São mais fortes em força física ou política.” –, ficam associados os homens a uma dupla força real e ideal, em uma adesão à formação discursiva machista que justifica a dominação por atributos próprios do dominador. Por fim, João diz: “Pq eles eram as únicas pessoas q defendiam a cidade”. A análise, segundo Brandão (2004, p. 93), deve “apreender não só uma formação discursiva, mas também a interação entre formações discursivas, uma vez que a identidade discursiva se constrói na

relação com um Outro presente linguisticamente ou não no intradiscursivo.” De fato, João evidencia ainda mais a contraposição, pondo homens como as “únicas pessoas” defensoras da cidade contra as mulheres “invisíveis” de que falava Ester.

4.3 AS MULHERES NAS MÚSICAS QUE OS ALUNOS OUVEM

A terceira questão – “Nas músicas que você escuta hoje em dia, como as mulheres são retratadas? Cite exemplos.” – pedia que os alunos relacionassem textos diversos. No Quadro 3, vemos suas respostas.

Quadro 3 – Respostas à terceira questão

Joana	<i>São retratadas como uma puta (desculpa o palavrão aí prof) os homens não tem mais respeito por elas</i>
Ester	<i>Como objetos e pessoas insignificantes para a sociedade.</i>
Judite	<i>Com muitas palavras ousadas no caso a músicas esculhambando com as mulheres.</i>
João	<i>safadas</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Em sua resposta, Joana dirige-se explicitamente ao professor que aplica o questionário. É significativo o modo como se diz, em meio a outros possíveis. Em lugar de apagar a palavra – o que não deixaria marcas visíveis, como ocorre no papel –, Joana optou por um pedido de desculpas entre parênteses, interpretando-se a si mesma como deslocada do lugar de aluna e afirmando esse deslocamento.

No contexto escolar e em muitos outros o palavrão é um tabu. Como diz Foucault (1996, p. 9), “não se pode falar de tudo em qualquer circunstância”. No entanto, as condições de produção desse questionário, que foi aplicado em ambiente virtual, de algum modo deixam as pessoas mais à vontade, especialmente os mais jovens: não se tratava de uma prova, não era uma aula. Desse modo, mesmo uma atividade educativa pode dar lugar a regras de formação distintas e, portanto, a outras formações discursivas. Como explica Brandão (2004, p. 93), uma formação discursiva “circunscreve a zona do dizível legítimo, definindo o conjunto de enunciados possíveis de serem atualizados em uma dada enunciação a partir de um lugar determinado.”

Uma identidade ambígua expressa sentidos nas palavras de Joana: de um lado, uma formação discursiva saudosista que lamenta a perda do respeito (“não tem mais respeito”), pressupondo uma época anterior isenta de violências. De outro lado, a fala traduz efeitos de sentidos de um distanciamento da identidade das mulheres retratadas na música. Esse distanciamento pode ser apreendido no uso do pronome, pois não se “tem mais respeito por *elas*”. Assim, ela se exclui e afirma discursivamente uma outra identidade, da adolescência e da rebeldia.

Em aparente contraposição a Joana, Judite confirma a posição de aluna na escola (ainda que em atividade remota ou virtual) ao responder: “Com muitas palavras ousadas no caso a músicas esculhambando com as mulheres.” Certamente, por servirem para “esculhambar”, as “palavras ousadas” são palavrões ou outros tabus que não devem ser ditos, ficando assim presentes e simultaneamente ausentes em sua resposta.

Ester expressa outro tom em seu posicionamento ao utilizar o enunciado: “Como objetos e pessoas insignificantes para a sociedade”, numa equiparação de “objetos” e “pessoas” que compõe uma redundância feliz, na medida em que desdobra e intensifica o sentido da desumanização: além de “objeto”, que pode ser visível, é também *pessoa insignificante* ou “invisível”, como pôs em resposta anterior. Em síntese, visíveis como objeto, invisíveis como pessoa humana.

As respostas foram atravessadas por interdiscursos com as letras de músicas que os alunos ouvem e comentários a respeito da imagem da mulher nessas músicas, que aparecem como “putas”, “objetos”, “pessoas insignificantes”, “esculhambadas”. À diferença das respostas das colegas, João limita-se a uma única palavra – “safadas” –, que, posta desse modo, sugere adesão à formação discursiva machista presente nas letras evocadas.

4.4 IGUALDADE E DESIGUALDADE

A quarta questão – “Segundo a Constituição Federal do Brasil, Art. 5º, inciso I, ‘homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações’. Em sua opinião, essa igualdade realmente existe hoje no Brasil?” – estimulava a percepção dos alunos sobre a diferença entre a idealidade legal (como algo imaginado, desejado ou um dever-ser) e a realidade efetiva. No Quadro 4, podemos visualizar as respostas dos discentes.

Quadro 4 – Respostas à quarta questão

Joana	<i>Não</i>
Ester	<i>Não</i>
Judite	<i>Não pois existe os homens sem atitilde e respeitoe mulheres também.</i>
Marcos	<i>Não. Há desigualdade no mercado de trabalho, e também, vou citar um exemplo: Você tem uma marca que o público alvo são os homens, que tem uma embaixadora mulher que fica falando abertamente falando que homen é tudo lixo, que homen que não é lixo é exceção. Imagine que fosse ao contrário, você tem uma marca que o público alvo são as mulheres e tem um embaixador homen famosinho, que fica falando que mulher é tudo lixo e mulher que não é lixo são exceções, não consigo imagina outra mulher passando pano nisso, falando que ele estava no dia, que foi assediado, e que na verdade ele fez um excelente trabalho ali com a marca, só foi um deslize, pser não consigo imaginar.</i>
João	<i>Sim</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode observar, apenas a resposta de João traduz sentidos de quem reconhece existir igualdade de direitos e obrigações no Brasil atualmente. Joana e Ester responderam sucintamente que não existe, assim como Marcos e Judite, que afirmaram que homens e mulheres não gozam dessa igualdade legal na prática.

O uso do vocábulo “existe”, na resposta de Judite, produz efeitos de sentido que põem em primeiro plano a realidade contra a idealidade. Se a legislação afirma a igualdade em um plano abstrato, na realidade a aluna evidencia sentidos de que a desigualdade perpassa os próprios indivíduos diferentes entre si. À igualdade, em direitos e obrigações, se contrapõe a existência de homens e mulheres sem “atitude e respeito” ou, talvez, sem atitudes de respeito.

Marcos se posiciona discursivamente com mecanismos linguísticos que expressam sentidos de que não há igualdade entre homens e mulheres relativamente a seus direitos e obrigações. Tal como em outras respostas, suas palavras produzem um efeito de sentido ambíguo: pode ser a denúncia de uma injustiça ou sua naturalização. “O subentendido depende do contexto”, afirma Orlandi (2009, p.82), de modo que, seja para afirmar ou negar a injustiça, faz uma referência à desigualdade de salários e oportunidades de ascensão profissional. Ele foi o único dos respondentes a adentrar essa formação discursiva relativa ao mercado de trabalho, possivelmente por ser mais velho. Ao fazê-lo, ilustrou seu argumento referindo-se a uma das mais modernas profissões: é o caso de Gabriela Cattuzzo.

Gabriela Cattuzzo é uma *streamer* cujo tema de trabalho são *games*. Russo (2018, negrito do autor) assim define sua profissão: “**Streamers de games** são profissionais que utilizam ferramentas de transmissões ao vivo – seja ela qual for – e levam, em tempo real, entretenimento para o público.” Na condição de “influenciadora digital”, uma espécie de “garota-propaganda”, Cattuzzo tinha contrato com uma empresa que produz equipamentos para jogos eletrônicos. O contrato fixava a obrigação de transmitir ao vivo sua performance em *games* específicos, divulgando para seus seguidores virtuais não só o jogo em si como também os equipamentos utilizados. Como indiciam discursivamente os enunciados que aparecem nas respostas de Marcos, o mundo dos *games* é preponderantemente masculino: os jogadores interagem entre si e com espectadores que estejam *online*, e as mulheres inseridas nesse universo constantemente denunciam casos de assédio. Poucas semanas antes da aplicação do nosso questionário, tendo sido vítima de assédio, Cattuzzo reagira indignada declarando numa rede social que todos os homens são “lixo”. A polêmica instantânea atingiu a empresa para a qual trabalhava, culminando na não renovação do contrato com a *streamer*.

Com base nesse caso, Marcos propõe uma inversão: que imaginemos uma marca comercial voltada para um nicho tipicamente feminino, tendo como garoto-propaganda um homem que agredisse as mulheres. Ele confessa não poder imaginar que alguma mulher defenda esse homem das críticas de

outras mulheres à sua agressão. O fato de não conseguir imaginar isso pressupõe que alguns ou muitos homens tenham defendido Cattuzzo. Pois, como lembra Orlandi (2009, p. 82): “O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente).” Isto revelaria, na concepção de Marcos, uma outra situação de desigualdade, externa ao mercado de trabalho e própria do mundo da política. Se em dado momento observamos nas falas de Joana uma interdiscursividade voltada para a formação discursiva do professor, nessa participação de Marcos o “outro” de seu posicionamento discursivo são os comentários feitos em defesa da *streamer* Cattuzzo, evidentes em expressões como “passar pano” e “ele fez um excelente trabalho ali com a marca, só foi um deslize”. O absurdo (“não consigo imaginar”) do contrário (mulheres defendendo um homem agressor) pressupõe uma segunda desigualdade, agora de natureza política, favorecendo às mulheres.

No intradiscorso, aparece uma equivalência de desigualdades. Quando Marcos diz “Há desigualdade no mercado de trabalho, e *também*, vou citar um exemplo”, é este *também* que pressupõe a igualdade das desigualdades. À desigualdade econômica corresponde uma desigualdade política: à solidariedade para com as mulheres corresponde uma ausência de solidariedade para com os homens. Nesse caso, no confronto com Cattuzzo, ou melhor, com seus seguidores homens, uma das alternativas possíveis a Marcos é articular um discurso afirmando sua identidade como trabalhador. Cattuzzo é, então, retratada como uma concorrente no mercado, e para Marcos a alternativa foi enunciar, como trabalhador, um discurso liberal animado pelas leis da livre concorrência.

A indiferença pelo outro é típica do discurso liberal, que só obedece às leis da produtividade e do mercado, sem considerar as consequências trágicas para a humanidade. Desse modo, inscrito numa formação discursiva político-econômica de teor liberal, nos enunciados de Marcos ficou impossibilitada qualquer solidariedade entre sujeitos de uma mesma classe social, afinal são todos trabalhadores.

No discurso de Marcos, o modo de funcionamento tende para o polêmico, “em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos” (ORLANDI, 2009, p.86). Na disputa pelo sentido, o avesso intradiscursivo diz que há mulheres ocupando lugares de honra, influenciando pessoas nas redes sociais, gozando de fama (“famosinho”) e ganhando dinheiro. Também, está dito que existem os não-famosos, os desempregados, os homens que também concorrem no mercado e não podem deixar de concorrer, sob pena de perecer.

No entrecruzamento das formações discursivas econômica e política, as estratégias discursivas de Marcos traduzem um deslocamento de sua própria classe em direção aos interesses da classe burguesa, alinhando-se ao já-dito da eficiência empresarial e da conservação da imagem de uma empresa no mercado, em detrimento de quem trabalha e mesmo das condições em que trabalham e lutam as

mulheres. Esta circulação do discurso por diversos campos, de modo instável e com amplas trocas intertextuais explícitas ou não, produz efeitos de sentido muito persuasivos, como diz Brandão (2004, p. 95): “[...] ao fazer a remissão a outro(s) discurso(s), o sujeito recorre a elementos elaborados alhures, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência que suscita a adesão de seu auditório.”

Ninguém assume o discurso de outra classe social com a intenção de prejudicar-se. O discurso de Marcos ganha forma com a produção de sentidos polêmicos, que se referem a diversos outros, estabelecendo relações tanto de negação como de adesão, para naturalizar as desigualdades que se veem materializadas em diversos âmbitos, favorecendo ora uns, ora outros, no jogo das identidades cindidas da pós-modernidade. Os efeitos de sentidos são bastante convincentes.

4.5 O EXEMPLO DAS MULHERES ATENIENSES

A última questão era: “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas’. Como você interpreta esse verso? Qual a intenção do autor ao pedir isso?” Já mencionamos determinada incongruência teórica dessa questão com o método da Análise de Discurso, na medida em que, ao indagar sobre “intenções do autor”, parece que o elevamos a um patamar de autossuficiência e autonomia enquanto sujeito produtor de sentido. Porém, aqui se destacava um verso que se repete cinco vezes na canção e que poderia ser tomado como chave para interpretação global da letra pelo aluno. Também, por figurar espacialmente posta como última pergunta do questionário, ocupava o lugar de uma possível síntese do percurso de leitura e interpretação. Sendo assim, seguem, abaixo, no Quadro 5, as respostas dos alunos.

Quadro 5 – Respostas à quinta questão

Ester	<i>Eu interpreto assim : Sigam os exemplos daquelas mulheres de Atenas. Ser como elas eram.</i>
Judite	<i>Pra que elas sejam iguais as mulheres de Atenas.</i>
Marcos	<i>Para se colocar no lugar dela.</i>
João	<i>A intenção de que as mulheres de hj se colocasse no lugar das mulheres de Atenas</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Ester tenta delimitar o alcance de seu discurso, como já tinha feito na primeira questão, ao começar dizendo “Eu interpreto assim”, ao mesmo tempo em que afirma a “ilusão de um centro” produtor de sentidos (BRANDÃO, 2004). Seus gestos de interpretação expressam que a música propõe uma imitação da vida daquelas mulheres atenienses, sendo acompanhada nesse raciocínio por Judite. Em ambas as respostas, destaca-se o imperativo de “ser” igual às mulheres gregas, seguindo seus passos. Todavia, Ester se põe na resposta, com um “Eu interpreto”, capaz de aceitar ou negar o exemplo dado na canção, enquanto Judite mantém-se à distância, usando o pronome “elas”.

Marcos, ao enunciar a ideia do “se colocar no lugar”, parece dizer ser possível que todos, mesmo os homens, entendam a situação das mulheres como desigual, em um dado aspecto da vida (não em todos, como vimos em sua resposta anterior). A ele se une João, reiterando sentidos, com a diferença de que restringe à mulher o público a quem se dirige a letra da música. As falas deles podem ser agrupadas pelo efeito de sentido semelhante que produzem, ao reconhecerem ambos um lugar social destinado à mulher e a possibilidade de, pela fruição da música, serem transportados a essa condição.

As duas respondentes do sexo feminino compreendem a forma imperativa “mirem-se” do verbo “mirar” como uma exortação a “ser e ir sendo” mulher de uma maneira dada, submissa e invisível na sociedade, enquanto os dois respondentes do sexo masculino entendem a mesma passagem como um convite a “pôr-se no lugar”, experimentando um ponto de vista outro, que não é o deles. Marcos deixa uma lacuna em sua resposta que permite pensá-lo incluso neste convite, enquanto João definitivamente se exclui, reservando a coisa para as “mulheres de hoje”. Apesar das diferenças entre si, as quatro respostas situam cada um dos indivíduos em uma região do discurso que constitui homens ou mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A letra da música “Mulheres de Atenas” tematiza a condição da mulher na antiguidade e a continuidade de certos aspectos “antigos” até nossos dias. Na leitura dessa obra musical, o sentido foi atualizado em conformidade com as condições de produção dos sujeitos-leitores, evidenciando rupturas e distanciamentos em relação à identidade da mulher, à identidade do cidadão que luta por igualdade de direitos e à identidade dos trabalhadores – homem e mulher – que atuam no mercado numa guerra de todos contra todos, animados pelas leis da concorrência de um capitalismo visto como eterno.

Ao analisar as respostas dos alunos sobre um texto a respeito das mulheres, a leitura revelou pontos de contato com diversas formações discursivas. Às vezes, o referente ou “o outro” é o discurso dos professores no lugar institucional da escola, ocasião em que se evidencia e afirma a identidade do aluno; em outra ocasião, surge o discurso dos adultos, e é quando se constitui a identidade do adolescente; e também aparece o discurso de pessoas que trabalham, constituindo um universo de formações discursivas típicas de um bairro proletário e, nele, a identidade de filhos de trabalhadores.

Nas discursividades suscitadas pela letra da música de Chico Buarque e Augusto Boal, observamos gestos de interpretação dos discentes sobre as mulheres, enfocando a subordinação aos maridos, a ausência de reconhecimento por seu trabalho e a desumanização, em grau equiparável à existência como objeto. Nesse aspecto, as letras de músicas atuais são percebidas e interpretadas pelos alunos a partir de discursividades que veiculam uma imagem da mulher em posição de desigualdade em relação aos homens. Na letra de “Mulheres de Atenas”, produziram-se diferentes gestos de interpretação

que vão desde uma proposta de imitação da vida daquelas mulheres atenienses pelas mulheres de hoje até a compreensão de que há um lugar social próprio da mulher, condição que podemos idealmente vivenciar pela fruição da música.

6 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, [1970].

AUTHIER, Jacqueline. Palavras mantidas à distância. In: CONEIN, Bernard et al. *Materialidades discursivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 201-226.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 jan. 2019.

BUARQUE, Chico; BOAL, Augusto. Mulheres de Atenas. Fotocópia de documento sob a guarda do Arquivo Nacional contendo a letra e o Parecer da censura da música pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas em 1976. In: WIKIPÉDIA. *Mulheres de Atenas* [verbete]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_de_Atenas. Acesso em: 9 out. 2021.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 9. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Hacia el análisis automático del discurso*. Trad. Manuel Alvar Ezquerra. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

RUSSO, Victor. Streamers X Youtubers: qual é a diferença? *inFluu*. Disponível em: <https://influ.me/blog/streamers-x-youtubers-qual-e-a-diferenca>. Acesso em: 5 jul. 2019.

Title

Gestures of interpretation in the activity of reading the lyrics of the song “Mulheres de Atenas”.

Abstract

This article is an account of a reading activity that addresses women’s identity. Our goal is to analyze the discursivities that make up the students’ responses and that produce meanings about the condition of the woman portrayed in the lyrics of the song “Mulheres de Atenas” by Buarque and Boal (1976). When bringing social issues to the classroom context, we take into account the growing importance of struggles for the rights of minority groups, among which the debates on the identity of women stand out. We use the concepts of French Discourse Analysis, such as discursive formation, effects of meaning, interdiscourse and subject, based on authors such as Althusser (1970), Authier-Revuz (2004), Brandão (2004), Pêcheux (1978) e Orlandi (2009), among others. The data was generated by means of a questionnaire applied to a class of 7th grade of regular elementary school, with the help of the Google Forms tool and the WhatsApp mobile device application, between June and July 2019. Gestures of reading the musical composition pointed to the discursive constitution of several subjects, always showing the presence of another, in an interdiscourse that implies a social place and a transient identity constitution, affirming sometimes adolescence, sometimes the adult condition, now the student, now the worker who competes for work in the market. In the words of the respondents to the questionnaire, we identified the perception of violence against women, from subordination to their husbands to the lack of recognition for their work, dehumanization and objectification.

Keywords

Discursive practices; song lyrics; “Mulheres de Atenas”.

Recebido em: 09/04/2021.

Aceito em: 23/11/2021.